DADOS DE ÁFRICA (S)

ISSN: 2675-7699

Vol. 05 | Nº. 10 | Ano 2024

UMA ANÁLISE CRÍTICA DO *DICIONÁRIO DE ANGOLÊS* DE ROBERTO LEAL: COLONIALIDADE LINGUÍSTICA E A INFERIORIZAÇÃO DO ANGOLÊS E DAS LÍNGUAS ANGOLANAS

A CRITICAL ANALYSIS OF *DICIONÁRIO DE ANGOLÊS* BY ROBERTO LEAL: LINGUISTIC COLONIALITY AND THE INFERIORIZATION OF ANGOLÊS AND ANGOLAN LANGUAGES

Justino Jorge José
Makosa Tomás David

RESUMO: A questão do português de Angola reflete um contexto marcado por conflitos coloniais e pela persistente mentalidade colonial entre angolanos e estrangeiros. A posição dessa variante linguística e das línguas angolanas resulta dessa herança. Este estudo analisa o *Dicionário de Angolês*, de Roberto Leal, evidenciando a colonialidade linguística ao classificar o português de Angola como calão, e reduzir as línguas angolanas a dialetos. Além disso, discute o uso do termo *Angolês*, adotado por linguistas angolanos para descrever essa variante do português.

PALAVRAS-CHAVE: Dialetos; Angolês; Calão; Línguas Angolanas; Dicionário

ABSTRACT: The issue of Angolan Portuguese reflects a context shaped by colonial conflicts and the persistent colonial mentality among both Angolans and foreigners. The status of this linguistic variant and Angolan languages stems from this historical legacy. This study analyzes *Dicionário de Angolês* by Roberto Leal, highlighting linguistic coloniality by classifying Angolan Portuguese as slang and reducing Angolan languages to mere dialects. Furthermore, it discusses the use of the term *Angolês*, adopted by Angolan linguists to describe this variant of Portuguese.

KEY WORDS: Dialects; Angolese; Slang; Angolan languages; Dictionary

Site/Contato

Editores

Ivaldo Marciano de França Lima
ivaldomarciano@gmail.com

Márcio dos Santos Rodrigues
marcio.strodrigues@gmail.com

UMA ANÁLISE CRÍTICA DO *DICIONÁRIO DE ANGOLÊS* DE ROBERTO LEAL: COLONIALIDADE LINGUÍSTICA E A INFERIORIZAÇÃO DO ANGOLÊS E DAS LÍNGUAS ANGOLANAS

Justino Jorge Jose[1]

Makosa Tomás David[2]

INTRODUÇÃO

Com a chegada dos colonizadores portugueses aos "reinos" do Kongo, Ndongo e Matamba, entre 1482 e 1483, sob o comando do navegador português Diogo Cão, iniciou-se o processo de ocupação do território que hoje é chamado de Angola. Após se estabelecerem definitivamente no país, em 1575, com a chegada de Paulo Dias de Novais acompanhado de 100 famílias de colonos e 400 soldados, os portugueses tinham como objetivo central dominar e explorar essas terras.

Nesse sentido, os colonizadores adotaram uma estratégia política de formar alianças com os soberanos destas unidades centralizadas. Essas relações resultaram no *linguicídio* e no *epistemicídio* dos povos angolanos, fortemente alicerçados no cristianismo, que foi utilizado como ferramenta para apagar a cultura destes povos, como explica Carneiro (2005). Portugal implementou uma política linguística que proibia os angolanos (africanos) de falarem suas línguas maternas (*línguas angolanas*), pois o domínio do português era imposto como um símbolo de ascensão social. Aos *assimilados*, era negado o direito de falar qualquer língua que não fosse o português. No entanto, alguns angolanos considerados *assimilados ativos* aprenderam tudo o que os portugueses ensinavam com o propósito de libertar seu povo da dominação e exploração colonial. Esses usaram a língua do colonizador como instrumento de denúncia contra o colonialismo português, especialmente por meio da imprensa: "[...] utilizaram a língua do colonizador para denunciar o colonialismo português através dos jornais [...]" (MINGAS, 2000, p. 47).

Neste trabalho, analisaremos o *Dicionário de Angolês* do escritor brasileiro Roberto Leal, contextualizando aspectos como o uso do termo *dialetos*, empregado por Leal para descrever as línguas de Angola em um sentido de inferiorização linguística. A partir de uma perspectiva decolonial, demonstraremos como esse conceito colonial é utilizado para desvalorizar outras línguas. Nesse sentido, destacaremos o *Angolês* como uma das expressões adotadas por linguistas angolanos para definir o português falado em Angola, enfatizando a importância do

[1] Angolano e estudante do Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Linguagens da Universidade Federal do Sul da Bahia. Bolsista de Iniciação Científica(CNPQ). justinojorge21@gmail.com

[2] Angolano e estudante do Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Linguagens da Universidade Federal do Sul da Bahia. Bolsista de Iniciação Científica. davidmakosa929@gmail.com

reconhecimento dessa variante linguística. Seguindo essa linha de raciocínio, abordaremos o conceito de *calão*, questionando se esse termo representa uma forma de valorização ou desvalorização do *Angolês*, analisando diferentes perspectivas linguísticas.

Dialeto: um termo de inferiorização linguística usado por Roberto Leal para descrever as línguas de Angola

A concepção de *língua* como instrumento de comunicação é uma construção ideológica do imaginário europeu, estruturada para estabelecer e reforçar a separação entre colonizador e colonizado. Nesse sentido, a linguagem adquire um papel estratégico dentro do projeto colonial de poder (QUIJANO, 2000, 2005; NASCIMENTO, 2019, 2020; DAVID, 2023). As ideologias sobre língua padrão, língua popular, dialetos e não-línguas fazem parte de uma estrutura hierárquica "ocidental" que opera como mecanismo de dominação, promovendo a desvalorização e o apagamento das formas de conhecimento linguístico dos povos colonizados. Esses processos continuam até os dias de hoje, dentro de uma colonização disfarçada de modernidade, alinhada à construção global da ideia de uma língua padrão (SANTOS, 2022; JORDÃO, 2016). Esse fenômeno impacta diretamente as identidades dos falantes, promovendo a marginalização de suas línguas e formas genuínas de comunicação em favor do mito de uma língua internacional e do *falante nativo*.

A chegada dos colonizadores portugueses a Angola, em 1482, alterou profundamente o cenário linguístico das línguas autóctones, especialmente nas áreas urbanas (UNDULO, 2021; SANTANA, 2021). Os invasores portugueses desqualificaram as línguas africanas, chamando-as de *dialetos*, pois, segundo sua perspectiva eurocêntrica, tudo que se referia aos africanos não era considerado cultura nem conhecimento legítimo. Esse processo de desvalorização linguística fica evidente na obra de Leal: *"Este Dicionário de Angolês é, aliás, sugestivo e demonstrativo da ambição de Roberto Leal... É-nos dado a ler um dicionário interessante de calão angolano, dialeto local talvez, a voz das bandas, se quiser" (LEAL, 2020).*

Considerar as línguas de Angola como *dialetos* perpetua o projeto colonial de desvalorização linguística, uma construção ideológica europeia que posiciona as línguas africanas fora do que se entende por *língua* dentro da jurisdição do sistema europeu (MIGNOLO, 2007). Assim, aquilo que não pertence a esse sistema é classificado de outra forma, reforçando uma hierarquização racial na qual a linguagem se torna um dos principais instrumentos de dominação. Essa racialização estrutura um conhecimento baseado na ideia de uma raça superior e outra inferior, em que a língua opera como mecanismo central dessa diferenciação. A língua é o reflexo de uma cultura, e isso significa afirmar categoricamente que todo sistema de comunicação é uma

língua legítima, incluindo as línguas africanas. Desenvolver uma linguística decolonial, que busca combater as manipulações e imposições coloniais, é um passo essencial para restaurar a autoestima linguística apagada pelos colonizadores ao longo dos séculos (FANON, 2008; DAVID, 2023).

Para nós, ditos africanos, especialmente para os povos bantu, a língua é um elemento fundamental da tradição, pois grande parte do conhecimento transmitido entre gerações foi preservado por meio da oralidade. Sem essa base linguística, muitas práticas culturais e espirituais se tornam inviáveis. Como destaca Tamba (s.n), as línguas africanas são veículos de manifestação cultural, espiritual e física, sendo expressas por meio de tabus linguísticos, provérbios, idiofones e contos, que contribuem para a vivacidade e a expansão do repertório linguístico dos falantes. Em África, de forma geral, o monolinguismo é um fenômeno anormal e excepcional. Um dos elementos que não se pode perder de vista aqui é o elemento cultural que se liga à língua. As línguas despidas da cultura se tornam vulneráveis e suas palavras e frases em algum momento ficam sem sentido e ambíguas porque essa construção é proveniente do contexto sociocultural. Para o contexto das línguas africanas, uma língua não é apenas um instrumento de comunicação, mas sim, um elemento santificado pelas tradições, pois é através dela que se faz o contato entre os vivos, mortos e santidades (TAMBA s.n.).

ANGOLÊS: UMA DAS EXPRESSÕES USADAS PELOS LINGUISTAS ANGOLANOS PARA DESCREVER O PORTUGUÊS DE ANGOLA

Mesmo após o longo período de escravidão em Angola, que perdurou por aproximadamente 500 anos, as discussões sobre a existência do português angolano ainda dividem pesquisadores. De um lado, há aqueles que defendem que o português falado em Angola é completamente distinto do português europeu, enquanto, do outro, um número reduzido de pesquisadores sustenta que se trata de um contínuo do português europeu (KATO; MARTINS, 2016; UNDULO, 2021). Atualmente, o português é a língua materna de muitos angolanos (*L1*), mas essa variante linguística apresenta características próprias que a diferenciam do português europeu. Trata-se de uma língua com forte influência das línguas bantu e não bantu, o que levou Mingas (1998, p. 115) a denominá-la de *pretoguês* ou *português de Angola*, destacando sua estrutura linguística singular e enraizada nas línguas locais.

Os termos *pretoguês* e *português de Angola* equivalem ao que alguns linguistas chamam de *angolês*, como apontam Nascimento e José (2023, p. 323). Costa (2015, p. 61) refere-se a esse fenômeno como *africanização* ou *bantuização*, ressaltando a incorporação das estruturas das línguas bantu e não bantu ao português falado em Angola. Essa realidade linguística e cultural foi profundamente impactada pela chegada dos colonizadores portugueses à Angola. Os

colonizadores, identificados por uma estrutura cultural monocultural e monolíngue, impuseram uma política linguística que os diferenciava dos povos bantu, vatwa e khoisan. Assim, a colonização angolana também se manifestou como um processo de dominação linguística e cultural. Os portugueses nunca reconheceram que os angolanos falavam uma outra forma de português, distinta do europeu. O *angolês*, marcado por influências africanas nos níveis fonológico, sintático, semântico e morfológico, foi sistematicamente ridicularizado durante a colonização e continua a ser marginalizado até hoje. Esse desmerecimento linguístico serviu como estratégia colonial para garantir a superioridade do português europeu no território angolano, reforçando, assim, a hierarquização e o domínio cultural.

Os estudos voltados para a linguística do português de Angola têm apresentado um crescimento significativo em quantidade e qualidade, abordando os contextos sociolinguísticos do território angolano. Essas pesquisas têm enfatizado a existência de uma identidade linguística distinta tanto do português europeu quanto do português brasileiro, afastando-se das normas padrão desses países. O *português de Angola* ou *angolês* dialoga com o espaço sociolinguístico do país, incorporando suas experiências, particularidades culturais e históricas. Nesse sentido, Timbane, Santana e Afonso (2019), bem como Nascimento e José (2023) afirmam que o *angolês* é uma nova forma de português, que se distanciou do português europeu a partir do contato com as diversas línguas bantu e não bantu faladas no território angolano. Zau (2011) explica que o *português de Angola* é a continuação, no espaço e no tempo, daquilo que anteriormente era denominado *pretoguês* por Mingas (2000), mas que, com o tempo, adquiriu características próprias.

O termo *angolês*, utilizado para designar o português falado em Angola, tem sido amplamente empregado por linguistas angolanos em artigos científicos e livros. Edmundo (2012), em seu artigo *"O Angolês, uma maneira angolana de falar português"*, explica que o *angolês* é uma língua clara e coerente, estruturada para a transmissão da cultura angolana em sua plenitude. Os linguistas angolanos vêm desenvolvendo um trabalho árduo para a normalização ortográfica e gramatical do *angolês*, buscando consolidá-lo como uma língua escrita e não apenas oral, assegurando-lhe seu lugar legítimo na identidade linguística dos angolanos. Autores como Nascimento e José (2023), em seu artigo *"Em defesa do português de Angola, o Angolês"*, reforçam a necessidade do reconhecimento do *angolês* como uma identidade linguística que representa os angolanos de maneira plena. Os autores desconstroem a visão colonial de Martins e Kato (2016), que sustentam a tese de que o português falado em Angola é apenas um *continuum* do português falado em Portugal, ignorando suas características linguísticas próprias e sua evolução histórica no território angolano.

Calão – termo usado para valorização ou desvalorização do Angolês?

A língua é um dos principais elementos de valorização e preservação da identidade linguística de um povo, refletindo um conjunto de valores culturais. No entanto, do ponto de vista ocidental, a língua foi utilizada como um instrumento dentro de um projeto colonial (MAKONI; PENNYCOOK, 2007; DAVID, 2023), estruturado para reforçar a ideia de superioridade e inferioridade, apagando os valores culturais dos povos originários (CARNEIRO, 2005; QUIJANO, 2005; FANON, 2008). Angola, sendo um país multicultural, foi profundamente marcado por um processo colonial que gerou desordem, desvalorização e supressão das culturas locais. No entanto, seu multilinguismo desempenha um papel central no desenvolvimento da identidade nacional e na expressividade cultural única do país. A diversidade linguística angolana transcende a mera adoção do português como língua oficial, representando uma riqueza linguística e cultural que resiste à homogeneização imposta pelo colonialismo.

O *português de Angola* ou *angolês*, como é designado por linguistas angolanos como Edmundo (2012) e José (2023), emergiu do contato entre o português europeu e as línguas nacionais, incorporando elementos culturais e estruturais próprios que o distanciam do português europeu. Entretanto, essa forma linguística sempre foi desqualificada pelos colonizadores, cujo objetivo era impor um português sem qualquer influência local, ou seja, o chamado *português padrão* (DAVID, 2023). A resistência à aceitação do *angolês* levou os portugueses a desvalorizá-lo de diversas maneiras, associando essa variante linguística a questões raciais, ao ambiente social onde é falada e às línguas nacionais que a compõem (DAVID, 2023). Essa ideologia colonial, profundamente enraizada, não apenas marginalizou o *angolês*, mas também influenciou a percepção dos próprios angolanos sobre sua língua. Muitos internalizaram essa desvalorização, reproduzindo a visão colonial e classificando o *angolês* como *calão*, ou seja, uma forma linguística incorreta, falada por marginais, ao invés de reconhecê-lo como uma manifestação legítima da identidade linguística nacional.

Segundo o *Dicionário de Etimologia* de Orlando Neves, a palavra "calão" tem origem no termo castelhano "caló", influenciado pela língua dos ciganos. "Caló" significa "preto", uma designação usada pelos próprios ciganos devido à sua pele escura. Os castelhanos adaptaram "caló" (no plural, "calé"), muitas vezes de forma depreciativa, racista e marginalizada. O termo chegou a Portugal e foi transformado em "calón", que, com o tempo, evoluiu para "calão". Originalmente associado aos ciganos, o termo passou a referir-se à sua linguagem e, posteriormente, a qualquer outro modo de falar de origem marginal, frequentemente relacionado com ladrões e vagabundos, evidenciando o racismo implícito, como aponta João (2022). Dessa

forma, a não aceitação de outras línguas como legítimas levou os europeus a classificá-las como "calão", reforçando a hierarquização linguística imposta pelo colonialismo.

Não podemos designar o *angolês* como "calão", pois isso significa desvalorizar essa língua, afastando-a de todos os seus elementos identitários, de afirmação e de resistência cultural dentro da sociedade angolana. Além disso, submeter o *angolês* a essa categorização equivale a reforçar as concepções ideológicas europeias que, fundamentadas em uma lógica de superioridade e inferiorização, utilizam a língua como instrumento de divisão entre colonizadores e colonizados, como observa David (2023). Em determinados contextos, o uso do *angolês* é associado à falta de educação, levando à desvalorização da pessoa que o utiliza. Essa percepção ocorre especialmente em ambientes mais formais ou entre aqueles que valorizam o chamado *português padrão*. Dessa forma, o *angolês* acaba sendo visto como uma forma inferior de comunicação, perpetuando preconceitos linguísticos que desqualificam variantes do português que se afastam do modelo europeu. O *português de Angola* ou *angolês* é uma língua que traduz a identidade linguística angolana e não pode ser suprimida ou proibida. A tentativa de marginalizar o *angolês* em prol da construção de um único português global desconsidera que até mesmo o português europeu surgiu a partir de um processo de mudanças linguísticas.

A colonialidade persiste de maneira evidente na forma como angolanos e estrangeiros se referem ao *português de Angola* como *calão* (QUIJANO, 2005). A ideia de que falar *angolês* significa "falar mal" o português baseia-se unicamente no fato de essa variante não seguir estritamente a norma padrão europeia, possuindo características próprias que a distanciam da realidade linguística de Portugal. Esse processo de inferiorização e marginalização faz com que muitos angolanos busquem negar e evitar o uso do *angolês*, reforçando a ideia de que a única forma legítima de português é aquela que segue o modelo europeu. Essa marginalização linguística é ainda mais visível no sistema educacional, onde o ensino do português adere rigidamente à norma padrão europeia, desconsiderando as particularidades do português falado em Angola. Sob uma perspectiva decolonial, o *português europeu*, tomado como padrão (DAVID, 2023), representa um símbolo de opressão e depreciação da identidade cultural e linguística angolana, além de um resquício da dominação das ex-colônias.

METODOLOGIA

Neste trabalho, buscamos apresentar aspectos duoetnográficos e descritivo-analíticos, descrevendo partes da pesquisa realizada pelos autores, ambos de origem angolana e pertencentes ao povo Bakongo. Além disso, propomos paradigmas lexicográficos que correspondam aos interesses e necessidades científicas e linguísticas angolanas, conforme argumenta Vilarinho

(2017). A criação de um dicionário linguístico para descrever a existência do *português falado em Angola/angolês* é de extrema importância para o país. No entanto, com base em nossa interação com a pesquisa e a partir da abordagem duoetnográfica e descritivo-analítica, buscamos analisar, a partir de nosso conhecimento enquanto angolanos e falantes de *angolês*, os termos e expressões presentes no *Dicionário de Angolês*, do escritor brasileiro Roberto Leal.

Para consolidar a discussão realizada até aqui, o corpus da pesquisa nos ajudará a reforçar a ideia de que, embora o autor tenha criado um dicionário sobre o *português de Angola*, essa obra ainda manifesta uma visão de colonialidade linguística e de inferiorização do *angolês* e das línguas angolanas. Nesse sentido, examinaremos se os vocábulos e expressões empregados no dicionário realmente correspondem à realidade linguística dos angolanos, uma vez que o léxico e a gramática são elementos indissociáveis, e o vocabulário não se limita a catalogar "expressões ou palavras" de uma determinada língua. Ele também fornece informações linguísticas diversas, abrangendo aspectos ortográficos, sintáticos, semânticos, morfológicos e fonológicos. Além disso, as organizações discursivas e argumentativas variam de acordo com os contextos culturais, históricos, sociolinguísticos e políticos de um determinado povo (PIRES, 2015).

O cruzamento duoetnográfico, que fundamenta nossa pesquisa, será utilizado neste estudo para auxiliar a análise dos dados, especialmente no exame dos termos empregados no *Dicionário de Angolês*, de Roberto Leal. Com base em Chizzotti (2006), compreendemos que pesquisas em ciências humanas e sociais podem combinar diferentes métodos e procedimentos metodológicos. Por essa razão, apesar do caráter documental desta investigação, nos posicionamos como pesquisadores a partir de nossos conhecimentos e de nossa autoetnografia (ANDERSON; GLASS-COFFIN, 2013). Neste estudo, optamos por cruzar nossas narrativas duoetnográficas (FORTES; FERRARI, 2021), uma vez que entendemos que o caráter exploratório do trabalho se manifesta no nível documental.

DISCUSSÃO E ANÁLISE

Roberto Leal nasceu na Bahia, é jornalista (DRT/BA 3992), escritor e editor da revista angolana de literatura *Òmnira*. Embora branco, Roberto Leal é reconhecido justamente pelas suas influências populares na sua escrita em Angola. Olhando a questão da criação do dicionário sobre o português de Angola, nos debruçaremos, a partir de agora, em descrever os vocábulos e expressões que foram empregues no *Dicionário de Angolês*, do escritor Roberto Leal. E, a partir da análise do seu livro, usamos as consciências linguísticas de ambos os autores, que são angolanos, Justino Jorge José e Makosa Tomás David, para fazermos o uso e o reconhecimento de

alguns termos utilizados pelo escritor para a construção da obra literária, pois há algumas discrepâncias e possíveis imprecisões nas definições e usos apresentados no dicionário de Leal.

Roberto Leal descreve a palavra "afobado" como significando "com fome". Mas, segundo o *Dicionário Priberam*, "afobado" é uma expressão que tem origem no português brasileiro e significa "apressado". Porém, conseguimos constatar que Leal, ao invés de usar a expressão "fobado", que tem origem no angolês e significa "fome" ou "com fome", usou a palavra "afobado". Assim, é evidente que esta palavra não representa o português falado em Angola.

No seu dicionário, Leal afirma que foi o criador do termo "Angolês". Porém, esse termo "Angolês", usado por Leal para descrever o português de Angola, não foi criado por ele, pois existem linguistas como Edmundo (2012), que já teve o seu artigo publicado com o título *"O Angolês, uma maneira angolana de falar português"*. E, a partir dessa análise, nota-se que o escritor descreve as línguas angolanas faladas nas comunidades angolanas como dialetos. Da perspectiva da linguística decolonial, considerar as línguas d'Angola como dialetos é continuar com o projeto de desvalorização linguística construído pelo colonizador. Pois, dentro do imaginário europeu (MIGNOLO, 2007), as línguas africanas não são vistas como línguas legítimas. O que é chamado de língua refere-se apenas ao que está dentro da jurisdição do sistema europeu, enquanto as línguas que não pertencem a esse sistema recebem outra designação. Essas construções são frutos de uma ideologia europeia bem assente na hierarquização racial, onde a racialização é o elemento crucial para a divisão social, originando conhecimento de uma raça superior e outra inferior.

Outros exemplos de termos apresentados por Leal e suas discrepâncias incluem:

- "Amirou": Leal define como *"falou à toa; falou demais, falou besteira"*. No entanto, para nós, cidadãos angolanos nascidos em Luanda, essa expressão significa "arremessar um objeto, lançar". A dúvida que não se quer calar é: será que essa expressão tem outros significados em outras províncias de Angola? Se sim, seria importante que ele especificasse a região de Angola onde "amirou" assume o significado de *"falou à toa; falou demais, falou besteira"*.
- "Badi": Definido por Leal como *"polícia"*, mas na verdade significa "homem". Dependendo do contexto, pode significar "alguém que sempre está aí para ajudar o outro".
- "Bassula": Definido como *"arte marcial angolana; chapada, bofa; bofetada"*, mas, na verdade, é usado para descrever alguém que cai ou escorrega.
- "Bisne" e "Bisnei": Leal define como *"coisa"* e *"mentir"*, respectivamente, mas os significados corretos são "negócio" e "roubar".
- "Bulir": Definido como *"trabalhar"*, mas significa "desafiar ou competir". Talvez existam regiões que utilizam essa palavra com o significado de *"trabalhar"*, mas a falta de sua regionalidade coloca esse significado numa posição de não credibilidade.
- "Brazuca": Definido como *"brasileiros que moram em Angola"*, mas, na verdade, significa apenas "brasileiro".
- "Capuca": Definido como *"puto sujo"*, mas, na realidade, refere-se a uma bebida natural.
- "Mbala": Definido como *"ultrapassagem de carro"*, quando, na verdade, significa "batata". Esse termo tem origem Lingala e foi incorporado no Angolês. Dentro da língua falada em

Angola, o termo utilizado para se referir a ultrapassagem de carro é "mbaia", que, dependendo do contexto, também pode ser usado para significar "tapa".

- "Tepeico": Definido como *"televisão"*. Nunca se ouviu falar dessa palavra, porém, é possível que seja uma variação regional ou uma outra forma usada para se referir à televisão. No entanto, a palavra mais comum para televisão em Angola é "teipi".
- "Tibar": Definido como *"embebedar-se; embriagar-se; ficar bêbado"*, mas, na verdade, é usado para designar alguém que não faturou em seu negócio.

Essas observações indicam que, apesar das boas intenções de Roberto Leal, há significados e palavras mal escritos que não traduzem com precisão a realidade sociolinguística de Angola. Além disso, o fato de o escritor não apresentar a origem etimológica das expressões limita a eficácia do dicionário como uma ferramenta de aprendizado e compreensão do português angolano. A maioria das palavras incorporadas no Angolês tem sua origem nas línguas bantu e não bantu (Kimbundu, Kikongo, Umbundu, Tchokwe, etc.). No entanto, essas línguas ainda são invisibilizadas, e o pouco que se estuda sobre elas nas escolas angolanas aponta para o que Mignolo (2000, apud DAVID; NASCIMENTO, 2023, p.146) denomina "racismo epistêmico".

Outro ponto a ser destacado é a estrutura do dicionário em si. Sabemos que o português de Angola, ou Angolês, não se restringe apenas a Luanda, capital do país. Contudo, ao longo da estrutura do dicionário, observamos que algumas expressões não estão acompanhadas de sua origem etimológica, da região onde são faladas, da categoria gramatical a que pertencem e do tipo de linguagem que representam. Como a proposta lexicográfica do Dicionário de Angolês (LEAL, 2020) se direciona a falantes de português como língua materna e segunda língua, consideramos necessária uma reformulação do modo de apresentação e estrutura da obra para torná-la mais acessível ao público-alvo, especialmente dentro da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP). O critério adotado para essa avaliação foi que as definições dos vocábulos ou palavras deveriam ter uma relação semântica coerente com a realidade sociolinguística de Angola.

CONCLUSÃO

A análise do *Dicionário de Angolês* de Roberto Leal revela discrepâncias significativas entre as definições apresentadas pelo autor e o uso real dos termos na língua falada em Angola. Embora a obra represente um esforço válido de registrar o vocabulário e expressões do português angolano, nota-se desvios semânticos e ortográficos que comprometem a precisão da realidade sociolinguística do país. A pesquisa evidencia a necessidade de uma abordagem mais rigorosa e culturalmente sensível na compilação de dicionários regionais. A identificação correta das palavras, suas origens etimológicas, a região de uso e a categoria gramatical são fundamentais para garantir a credibilidade e a utilidade de um dicionário voltado tanto para falantes nativos quanto para aprendizes do português como língua materna e segunda língua.

Além disso, a classificação das línguas angolanas como dialetos perpetua uma desvalorização histórica e linguística imposta pelo colonialismo, ignorando a riqueza e complexidade dessas línguas. A reformulação do dicionário, baseada em critérios linguísticos mais precisos e contextualizados, contribuiria para a preservação e valorização da diversidade linguística de Angola, promovendo um entendimento mais justo da língua portuguesa em seu contexto angolano. Portanto, para tornar a obra uma ferramenta educativa mais eficaz e representativa, futuras edições do *Dicionário de Angolês* deveriam integrar uma metodologia mais inclusiva e precisa, levando em conta os aspectos culturais, históricos e linguísticos de Angola. Isso não apenas enriqueceria os estudos sobre o português angolano, mas também fortaleceria a valorização das culturas e identidades africanas no cenário da língua portuguesa global.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON, Leon; GLASS-COFFIN, Bonnie. I learn by going: Autoethnographic Modes of Inquiry. In: JONES, Stacy Holman; ADAMS, Tony E.; ELLIS, Carolyn. **Handbook of Autoethnography**. Abington: Routledge, 2013.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais.** Petrópolis: Vozes, 2006.

COSTA, Teresa Maria Clara José. **Umbundismos no português de Angola. Proposta para um dicionário de umbundismo**. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Lisboa, 2015.

DAVID, Makosa Tomás; SANTOS, Gilmara Nascimento dos. As influências das línguas bantu no português do Brasil: origens e trajetórias rumo ao Pretoguês. **Revista Internacional de Educação de Jovens e Adultos***,* vol. 4, n. 08, p. 137–148, 2023.

DAVID, Makosa Tomás. As línguas angolanas: resistência e a cosmovisão do poder angolano no mundo. **Mandinga - Revista de Estudos Linguísticos**, vol. 07, n. 02, p. 07 – 21, 2023.

FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas.** Salvador: Edufba, 2008.

FORTES, Leonardo; FERRARI, Lívia. Agency and Subjectivity in Pandemic (Neoliberal) Times: A Duoethnographic Study. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada***,* vol. 21, n. 2, p. 371 – 398, 2021.

JOÃO, João Paulo. **A Importância do Calão Mwangolé na Formação da Identidade Sociolinguística e Cultural dos Falantes de Angola.** Dissertação (Mestrado em Estudos Lusófonos), Universidade Beira Interior, Covilhã (Portugal), 2022.

JORDÃO, Clarissa Menezes. Decolonizing identities: English for internationalization in a Brazilian university. **Interfaces Brasil/Canadá***,* vol. 16, p. 191-209, 2016.

KATO, Mary A.; MARTINS, Ana Maria. European Portuguese and Brazilian Portuguese. In: WETZEELS, Wouter Leo; COSTA, João; MENUZZI, Sergio. **The Handbook of Portuguese Linguistics**. Nova Jersey: Wiley Blackwell, 2016.

MAKONI, Sinfree; PENNYCOOK, Alastair. Disinventing and Reconstituting Languages. In: MAKONI, Sinfree; PENNYCOOK, Alastair (eds.). **Disinventing and Reconstituting Languages**. Clevedon: Multilingual Matters, 2007.

MIGNOLO, Walter D. El pensamiento decolonial: desprendimiento y apertura. Un manifiesto. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSSFOGUEL, Ramón (eds.). **El giro decolonial: reflexiones para uma diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos; Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007.

MINGAS, Amélia Augusto. **Interferência do Kimbundu no Português falado em Luanda.** Luanda: Chá de Caxinde, 2000.

MINGAS, Amélia Augusto. O português em Angola - Reflexões. In: **VIII Encontro da Associação das Universidades de Língua Portuguesa**. Macau: Centro Cultural da Universidade de Macau, 1998, p. 109-126.

NASCIMENTO, Gabriel. **Do limão faço uma limonada: estratégias de resistência de professores negros de língua inglesa.** Tese (Doutorado em Letras) – FFLCH-USP, Departamento de Letras Modernas, São Paulo, 2020.

NASCIMENTO, Gabriel; JOSÉ, Justino Jorge. Em defesa do Português de Angola, O Angolês. In: OLIVEIRA, Fábio Araújo; ALMEIDA, Gilce de Souza; COUTINHO, Ilmara Valois Bacelar Figueiredo (Orgs). **O ensino de Língua Portuguesa: Desafios, práticas e alcances.** Campinas: Pontes Editores, 2023, p. 323 - 347.

PIRES, Francisco de Oliveira Maia. **Proposta de Dicionário de Aprendizagem: descrição de alguns verbos no contexto do português do Brasil como segunda língua.** Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, UNB, Brasilia, 2015.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del Poder y Clasificación Social. **Journal of World-Systems Research**, vol. 06, n. 02, p. 342 – 388, 2000.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina.** CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005.

SANTANA, Fernandes Domingos; TIMBANE, Alexandre Augusto. Considerações sobre o português angolano e preconceito linguístico em Angola. **Letras em Revista**, Teresina, vol. 12, n. 01, jan./jun. p.169-187, 2021.

Santos, N. de O., Nascimento, G.; RIBEIRO, M. D. Alomba. Nexos de internacionalização e língua inglesa à luz do paradigma do racismo epistêmico: O caso do Future-se. **Revista X**, vol. 16, n. 06, p. 1528–1551,

TAMBA, Pansau. **A política linguística na África e situação das línguas autóctones na Educação: uma análise crítica das constituições.** Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Humanidades) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2021.

UNDULO, Mateus António. **O português de/em Angola: peculiaridades linguísticas e a diversidade no ensino.** São Paulo: Opção Editora, 2021.

VILARINHO, Maria Margarida de Oliveira. Metodologia para Elaboração de Dicionário Analógico de Língua Portuguesa. **Alfa: Revista de Linguística**, São Paulo, vol. 61, n. 1, p. 105-131, 2017.

OUTROS DOCUMENTOS

AFOBADO. *Dicionário Online Priberam.* 2023. Disponível em: https://dicionario.priberam.org/afobado. Acesso em: 03 fev. 2024.

Dicionário de Angolês. 2020. Disponível em: http://www.fundacaoomnira.com.br/2020/04/dicionario-de-calaoangolano.html. Acesso em: 2024.

EDMUNDO, Francisco K. O Angolês, uma maneira angolana de falar português. Revista Buala, 2012. Disponível In: https://www.buala.org/pt/a-ler/o-angoles-uma-maneira-angolana-de-falar-portugues

Recebido em: 21/04/2024
Aprovado em: 11/10/2024